

RELATÓRIO FINAL DE PESQUISA
PIBIC 2010 – 2011

Misoginia e prostituição feminina medieval*

Kelly Cristina Fonseca**
criskellyfonseca@gmail.com

Pedro Carlos Louzada Fonseca***
pfonseca@globo.com

Faculdade de Letras
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários

Palavras-chave: Misoginia, prostituição, Idade Média.

* Revisado pelo Orientador.

** Orientanda

*** Orientador

INTRODUÇÃO

O objetivo principal do presente estudo consiste na pesquisa e levantamento de textos que demonstram a influência do antifeminismo e da retórica de textos misóginos em relação às prostitutas medievais. Neles, é proposto investigar uma vertente do condicionamento político e ideológico que, a partir desses textos derogatórios, fixaram a história da prostituição medieval do século XII ao XV. São apresentados (1) trechos bíblicos que remetem à figura das prostitutas juntamente com (2) os primeiros relatos teológicos da patrística da Igreja. Textos cujo intuito é o de representar esses dois tipos de discursos culturais sobre as prostitutas da Idade Média. Discursos que são determinados pela dominação dos gêneros sexuais logo nos primeiros séculos do cristianismo.

A prostituição é essencialmente um produto das cidades. Trata-se de uma minoria tolerada pela Igreja medieval, necessária para evitar a desordem. Richards (1993) captou um fator comum a esse grupo perseguido: a aberração sexual, ato diabólico e luxurioso, essencialmente um produto das cidades, que passou a ser cada vez mais visto como um fenômeno social que precisava de regulamentação. Na Idade Média as mulheres entravam para a prostituição por razões basicamente iguais às que as levam a fazê-lo em qualquer época: pobreza, inclinação natural, perda de *status*, um passado familiar perturbado, violento, com estupros ou atos incestuosos.

Todas as fontes e bibliografia que foram estudadas e investigadas remetem ao funcionamento da prostituição no âmbito público, chegando-se a um elenco de tratamento temático da ordem social, ideológica e política da prostituição medieval.

OBJETIVO

O estudo tem a finalidade de discutir a vida privada e o procedimento retórico dos textos relativos à condenação das prostitutas, mas também a investigação de textos que surgem em resposta ao antifeminismo. Retratar, enfim, as prostitutas, meretrizes, cortesãs que assumiram tantos nomes ao longo da história. Mulheres essas que eram exaltadas nas sociedades antigas, assumindo imagens mitológicas. Porém, a influência da religião no período medieval trouxe a esse grupo de mulheres o papel da difamação, a tensão diabólica em seus próprios corpos, uma visão que desencadeou a exclusão desse grupo na sociedade.

Dentro dessa mesma perspectiva, pretende-se também levantar dados relevantes para os estudos, a fim de traçar um percurso do tema, considerando textos traduzidos ou originais

em suas fontes legais. Por fim, espera-se que este estudo possa servir de embasamento à produção de artigos. E espera-se poder fornecer ao projeto maior do Orientador uma significativa contribuição em relação às diversas classes de mulheres que conviveram com o discurso misógino intrínseco em seus corpos.

METODOLOGIA

A metodologia empregada no desenvolvimento da pesquisa consistiu, basicamente, em (1) levantamento bibliográfico; (2) em discussões e estudos de cunho comparativo; (3) em leitura de material teórico e de análise e interpretação das divergências entre os textos acerca da difamação e da defesa das prostitutas no período medieval, a partir da própria tendência misógina e da repetição e utilização de textos teológicos e de cunho social que derrogaram as prostitutas à função de esgoto social tido, paradoxalmente, como um mal necessário.

Alguns levantamentos de textos que constituíram o pensamento medieval estão relacionados às várias obras anteriores a esse período: Ovídio (43 a.C.-18 d.C.), Galeno (131-201), trechos bíblicos, que serviram de fonte raiz para a formação do pensamento medieval, a saber: Gênesis, Deuteronômio, Reis, Provérbios, Eclesiásticos e a Primeira Epístola de São Paulo Timóteo. Citações que retratam a vida de certas prostitutas, como Raabe e Madalena. Já no que remete às interpretações dos teólogos da Igreja, que fizeram coro a essa tradição antifeminista, encontram-se os nomes de Tertuliano (c.160-c. 225), Santo Ambrosio (340-390), Santo Agostinho (354-430) e São Tomás de Aquino (1225-1274). No campo da bibliografia, obras teóricas de fundamental importância são consideradas, como as de autoria de Bloch (1995), Casagrande e Vecchio (2003), Duby (1990, 1995, 2009), Le Goff (2006), Richards (1993), Rossiaud (1991), Rousselle (1983), Pilousu (1995), De Lorris (1957) e Millardet (1934). Por último, são investigadas, de maneira mais detalhada, as análises de Fonseca (2009) sobre as vozes da misoginia, tendo em vista as análises feitas por outros pesquisadores como estudos teóricos.

RESULTADOS

Como é objetivo do estudo esboçar a misoginia medieval em relação à prostituição, torna-se necessário, primeiramente, representar o vício da luxúria, já que durante toda a Idade Média, de acordo com Pilousu (1995), o discurso religioso encenou uma batalha entre o vício e a virtude. É a partir das proibições de suas práticas, partindo dos textos bíblicos, que

representaram, na cultura medieval, a personificação da luxúria através da mulher e principalmente no âmbito social das cidades, a reencarnação do vício pela mulher prostituta.

Após o orgulho primordial, demonstrado por Lúcifer, na sua intenção de superar Deus e, posteriormente, aquele demonstrado por Adão e Eva, na sua intenção de equiparar-se à condição divina, o pecado que se seguiu, na história bíblica, foi a luxúria. Exatamente depois de comer o fruto proibido, Adão e Eva se deram conta de estarem nus, tiveram vergonha de seus órgãos sexuais e tentaram cobri-los a todo custo. A partir de então, essas partes de seus corpos passaram a agir por conta própria, movidas por um desejo excessivo e irrefreável, a chamada concupiscência, e todo o controle que, um dia, haviam tido sobre elas perdeu-se (CASAGRANDE & VECCHIO, 2003, p. 230). Tradução minha.

O vínculo que entre o corpo e a luxúria é muito estreito. Por exemplo, de acordo com Casagrande & Vecchio (*ibidem*), é demonstrada, na literatura pastoral do final da Idade Média, a descrição da dinâmica do ato lascivo, que é marcado por uma série de órgãos sensoriais que estão envolvidos como fatores que desencadeiam a luxúria: a boca que está relacionada ao discurso sobre excessos, o cheiro, o olhar, a voz sedutora, as mãos que vão evocar os atos. Ou seja, a luxúria é o único vício que utiliza as cinco partes sensoriais do corpo. A partir do entendimento dado, será necessário abordar os trechos bíblicos que deram incentivo à elaboração do legado misógino da prostituição, sendo, portanto, a Bíblia o texto primordial para a construção desse universo, já que, na iconografia medieval, a figura feminina é a própria representação desse pecado. Serão expostos recortes que personificam a luxúria, especificamente no corpo da mulher prostituta, trechos que serão responsáveis pela difamação e exclusão dessa classe de mulheres nas cidades medievais do século XII.

As primeiras evidências da prostituição na Bíblia mostram a prostituta que é repudiada de viver em convívio com a sociedade já que suas práticas são abomináveis para Deus:

Não haverá mulher cortesã nem prostituta entre as filhas ou entre os filhos de Israel. Seja qual for o voto que tiveres feito, não levarás à casa do Senhor, teu Deus, o ganho de uma prostituta nem o salário de um cão; porque uma e outra coisa são abominadas pelo Senhor, teu Deus (Deuteronômio 23: 17-18).

Há inúmeros trechos misóginos em relação às mulheres prostitutas. No Eclesiástico, por exemplo, é retratada a maldição que essas mulheres carregam em seus corpos e o que elas podem trazer a alma dos homens: “Nunca te entregues às prostitutas, para que não te

percas com os teus haveres.” (*Idem* 9:6); “Aquele que se une às prostitutas é um homem de nenhuma valia; tornar-se-á pasto da podridão e dos vermes; ficará sendo um grande exemplo, e sua alma será suprimida do número dos vivos.” (*Idem* 19: 3). Porém, os trechos bíblicos também dão a curiosa, mas explicável, noção da prostituição sagrada, recorrente nas civilizações antigas e pagãs, conforme pode ser visto na seguinte passagem: “Expulsou da terra as prostitutas (sagradas) que ainda restavam do tempo de seu pai. (*Idem* 23: 7); “Destruíu os apartamentos das prostitutas que se encontravam no templo do Senhor, onde as mulheres teciam vestes para asserá” (ROUSSELLE 1983). A prostituta profana, ao contrário da sagrada, tinha uma vida difícil e era representante do lado negativo da sexualidade feminina.

Em termos simbólicos, a prostituição sagrada era um ritual do matrimônio sagrado, no qual feminino e masculino se uniam sem qualquer preponderância; era a união da espiritualidade e da sexualidade, enquanto a prostituição profana declarava a separação da sexualidade e da espiritualidade. A prostituta é aquela aberta, desapegada, insubordinada, sedutora e lasciva, cuja paixão e sensualidade destroem o homem. Outro elemento que será resgatado pelos escritores dos primeiros séculos do cristianismo são as obsessões pelas relações que as mulheres tinham com a decoração. Bloch (1995), ao resgatar os primeiros teólogos, afirma que tudo o que é secundário é análogo aos desejos da mulher, tais como, os ornamentos, que são puramente femininos, e a mulher que também será concebida como um ornamento. O artifício, a decoração, o ornamento é associado à prostituta, aquela que se enfeita para atrair os olhares: “Eis que uma mulher sai-lhe ao encontro, ornada como uma prostituta e o coração dissimulado” (Provérbios 7: 10). É a mulher tentadora, sedutora, que fascina, que faz os homens a temerem e se sentirem atraídos.

De acordo com Rossiaud (1991), os canonistas do século XIII argumentavam que as prostitutas deveriam ser assinaladas pelo uso de vestes públicas permitidas a viver na cidade ou *bourg*, mas colocadas à parte como os leprosos. A partir do século XIII, surgiram assim as zonas de “luz vermelha” e códigos de vestimenta, em muitos lugares. A *aiguillette*, uma corda com nós pendente do ombro e de cor diferente da do vestido, era a marca da infâmia. Era inspirada na corda vermelha jogada da sua janela por Raab, a meretriz, no Livro de Josué. A *aiguillette* vermelha era comum no reino da França; em Toulouse, era um nó branco; em Viena, um lenço amarelo. Em cada local da Europa as prostitutas eram marcadas com algum adorno que as diferenciavam dentre as outras mulheres. Com o passar dos anos, o vestuário como símbolo do pecado para as filhas de Eva passou a proibir as mulheres decentes de usar cauda, por convidar à comparação com caudas de animais, tornando-se

antes um esconderijo para diabos do que um sinal de pretensão aristocrática. Tornou-se também proibida a utilização de ouro, uma vez que esse metal era produto da natureza através da transformação e não da criação de Deus. A vaidade era vista como um pecado maior que a luxúria. Assim as mulheres, por inúmeros argumentos da cristandade, desacatarem as roupas de luxo, devido ao fato de o traje confirmar hierarquia social parecer menos importante do que a mensagem sexual que ele veiculava.

Como já foi citado, o fator social da pobreza é o que leva as mulheres à prática da prostituição em todas as épocas. É necessário ressaltar que as prostitutas da Idade Média procuravam fregueses nas tavernas, praças, casas de banho, lugares considerados de encontro para o comércio sexual. Era permitido a todos ir aos banhos dos outros para contemplar, tagarelar, jogar, descansar o espírito e permanecer ali, de maneira que, quando saíam da água ou quando nela entravam, as mulheres, quase inteiramente nuas, eram submetidas ao olhar das outras pessoas. O argumento defendido era de que os que tomam parte do banho entregam-se à libertinagem e à promiscuidade sexual. Conservaram-se os vestígios da estrita regulamentação que velava pela moralidade; não era prudente ficar nu para o amor, ninguém exibia seu corpo, exceto os hereges, sodomitas e as prostitutas.

O sexo era visto pela Igreja como um mal necessário, indispensável para que a humanidade pudesse cumprir a orientação bíblica que propõe aos homens e mulheres serem fecundos, de modo a multiplicarem e encherem a terra de sua espécie, conforme se lê em Gênesis 1: 28. Entretanto, esse predisposto requer um total controle sobre os desejos da carne, sobretudo, a abstinência sexual. Ademais, os seres humanos já não governam seus corpos, haja vista que a fornicção parece incontrolável que cada homem tenha a sua mulher e cada mulher tenha o seu homem. É o que diz São Paulo: “Todavia para evitar a fornicção, tenha cada homem sua mulher e cada mulher o seu marido. O marido cumpra o dever conjugal para com a esposa; e a mulher faça o mesmo em relação ao marido” (Coríntios 1: 7). Dessa forma, o casamento se tornou um instrumento cristão de controle das práticas sexuais, combatendo, por um lado, a concupiscência, e por outro, possibilitando a reprodução da espécie.

Logo, qualquer outra forma de conduta sexual seria lançada ao universo dos pecados capitais, à prostituição e, conforme Richards (1993) diz, lançadas à danação e à margem da sociedade. Algo ainda muito comum na contemporaneidade. Devido ao crescimento da violência no ambiente urbano, houve o incentivo da Igreja para a utilização de bordéis e serviços de uma prostituta, afirmando que: “A esterilidade das prostitutas, justificava de maneira científica ou pseudocientífico, permitindo que rapazes vivam sua sexualidade antes do casamento” (idem, *ibidem*).

Para que fosse assegurada a continuidade da espécie, afirmavam os teólogos que era necessário que o prazer fosse ligado a um ato dos órgãos tão vergonhoso, mas pensado aceitável. As partes sexuais foram concebidas como dotadas pela natureza de uma sensibilidade muito superior à pele, sendo a sede desejosa do prazer. Por essa razão, estava implícita a municipalização de casas de má fama, permitindo que os jovens afirmassem sua masculinidade, afastando-os da homossexualidade e evitando que se aproximassem de jovens descentes. Clérigos também se serviam das prostitutas, homens casados, judeus e leprosos não deveriam usar bordéis. Camponeses, mercadores, peregrinos, trabalhadores migrantes, soldados em visita a uma cidade, assim como os homens em geral que estivessem longe de sua casa e família, figuravam também na clientela habitual dos bordéis (DUBY, 1990).

As prostitutas devem incluídas entre os assalariados. Com efeito, elas alugam seus corpos e fornecem mão-de-obra. Se arreperderem, podem guardar os lucros da prostituição para propósitos caridosos. Mas, se elas se prostituem por prazer e alugam seus corpos de modo a obter deleite, isso então não é trabalho, e o salário é tão vergonhoso quanto o ato. (Tomás de Chobham, *apud*, RICHARDS, 1993, p.123).

Richards afirma que Chobham está aqui não só reiterando a hostilidade cristã fundamental acerca da atividade sexual vista puramente como uma fonte de prazer, mas também reconhecendo a existência de algo que havia se tornado uma classe sócio-econômica distinta na sociedade. Por outro lado, a Igreja tentava organizar essa nova classe social, principalmente em relação às vestimentas, conforme citado anteriormente acerca da ornamentação, e em relação à tentativa de evitar que as mulheres fossem seduzidas por aquela vida por causa de sua frivolidade e sensualidade natural.

DISCUSSÃO

Quando o poder mariano se instala na sociedade medieval no século XII, o discurso misógino encontra um paradoxo. A ideia de uma mulher simultaneamente sedutora e redentora, através da qual os homens vão encontrar a perdição ou a salvação. Primeiramente são exaltadas as virtudes da Virgem Maria, sobre a mulher conservadora da sua virgindade, cujo modelo era a santa que concebeu Cristo sem o toque de um homem e que permaneceu virgem após o nascimento. As mulheres deveriam alcançar o caminho para a salvação se vivessem na graça divina. No extremo da escala, mulheres celibatárias em conventos de

freiras levavam vidas que imitavam a da Virgem; no outro, mulheres públicas enclausuradas expiavam o pecado de Eva satisfazendo os desejos masculinos.

No mesmo momento histórico, há uma crescente aparição do arrependimento da pecadora, daquela que caíra no erro; ela também teria a capacidade de se arrepender, a exemplo da prostituta, como Maria Madalena, citada na bíblia. Mas havia ainda muitas outras recorrências cuja iconografia nos seus primórdios não se importou em esboçar a vida dessas mulheres lascivas que se arrependeram ou contraíram matrimônio. Os exemplos bíblicos são: a prostituta desposada por Oseías: “Quando o Senhor falou no princípio por Oseías, disse o Senhor a Oseías: Vai, toma por esposa uma mulher de prostituições, e filhos de prostituição; porque a terra se prostituiu, apartando-se do Senhor” (1: 2); a Egípcia desposada por Moisés e a famosa pecadora do Evangelho, irmã de Marta e Lázaro, Maria de Magdala, da qual Cristo expulsa sete demônios, que o segue até o Calvário e que se julga ser a primeira testemunha de sua ressurreição, a pecadora anônima que em casa de Simão, o Fariseu, banha os pés de Cristo com as suas lágrimas, exuga-os com os cabelos, cobre-os de beijos, unge-os de perfume.

E eis que uma mulher da cidade, uma pecadora, sabendo que ele estava à mesa em casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento; E, estando por detrás, aos seus pés, chorando, começou a regar-lhe os pés com lágrimas, e enxugava-lhos com os cabelos da sua cabeça; e beijava-lhe os pés, e ungiu-lhos com o unguento. Quando isto viu o fariseu que o tinha convidado, falava consigo, dizendo: Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, pois é uma pecadora (Lucas 7: 38-39).

A *meretrix* co-redentora, que seguiu Cristo com o fervor do seu amor, agora santificada. Ela que se entregou à penitências da carne, castigando-a com jejuns, esgotando-a pelas orações e pelas vigílias se purificando. Nem totalmente santa porque pecadora, nem totalmente impura porque perdoada, Madalena, era a (in)acessível, a que podia ser imitada, porque (i)maculada como todos (DUBY, 1995, p. 43-44).

No Ocidente, o culto a Maria Madalena surgiu na igreja de Vézelay, onde estariam enterrados os restos mortais da Santa (PILOUSU, 1995, p. 133-143). A santa que resgatou todas as mulheres, a intercessora das excluídas e das conhecedoras dos pecados carnis. Dos bordéis para os conventos muitas mulheres se redimiram de seus pecados e através dos conventos das Ordens de Madalena, que havia na Alemanha, Viena (casa das almas que não

pregava o celibato) e em Paris, muitas mulheres, que haviam procurado proteção, deixavam a *casa*, como noivas honradas de burgueses respeitados. (ROSSIAUD, 1991).

No século XV a posição da prostituta havia melhorado devido à ênfase que a Peste Negra, fez emergir. Comer, beber e ficar alegre, pois amanhã morremos que em alguns produziu um culto de diversão, propiciando o lucro das meretrizes, era agora o lema (LE GOFF, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Igreja teve o papel moralizador na Idade média, desde os assuntos espirituais, julgamentos fisiológicos ao ditar dos comportamentos na vida privada. Ao atribuir o discurso misógino à mulher como maldição, ligada ao demônio e ao vício da luxúria, construiu e interferiu nas relações de poder que foram desenvolvidas através do *habitus*, da sociedade medieval. O conceito de *habitus* que é tratado por Bourdieu (1999) formou uma visão do feminino, a qual ainda se faz presente na sociedade ocidental.

Foi apresentada a interferência da retórica misógina medieval no tratamento das mulheres prostitutas, desde a fonte fundadora do pensamento dos teólogos da Igreja, os relatos bíblicos, bem como as abordagens sócio-políticas no âmbito da vida privada, as relações da Igreja e da política pública em relação a essa classe social propriamente cidadina, um esboço desde o século XII até o século XV. A prostituta na Idade Média é uma mulher de vida pública como o homem. Ela consegue adentrar o mundo masculino e permanecer nele. Ela não precisa se sujeitar às convenções, sobre o comportamento do que é apropriado às mulheres. É devido a esse não condicionamento que elas atingem o poder. Afinal, não são vetadas pela moral religiosa, pela honra da família e ao menos pelas convenções sociais. São as primeiras que conseguiram se verem “livres” da condição tradicional e normatizada da mulher.

BIBLIOGRAGIA

Fontes:

Galeno (131-201): *De usu partium* (fim do século II) [Sobre a utilidade das partesdo corpo].

Trechos: II. 299-301.

Genesis 1:28; Deuteronomio 23: 17-18; 2 Reis 22:47; 23:7; Provérbios 7:10; Eclesiastes 9:6,19:3; Oseías 1: 2; Coríntios 1:7; Lucas 7: 38-39.

Referências:

AMBROSIO, San; AGUSTIN, San; DE NISA, San Gregorio. *Virgindad Sagrada*. Ediciones sigueme. España: Salamanca 1997.

AQUINO, de Tomás. *Suma Teológica* [1265 a 1273]. 3ª ed., 16 vols. Trad. Francisco Barbado Viejo. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1964.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Tradução, Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro : Berthrand Brasil, 1999.

BLOCH, R. Howard. *Misoginia Medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Trad. Claudia Moraes. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

CASAGRANDE, Carla. VECCHIO, Silvana. *Histoire des péchés capitaux au Moyen Âge*. Paris: Flammarion, 2003.

DE LORRIS, Guilhaer ; MEUN, Jean. *Le Roman de La Rose*. França : Cisalpino, 1957.

DUBY, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____, George. (Org.). *História da vida privada: da Europa feudal á Renascença*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

_____, George; PERROT, Michelle (Org.). *História das Mulheres no Ocidente*. 5 vols. Trad. Maria Helena da Cruz Coelho et al. Porto / São Paulo : Afrontamento / EBRADIL, 1990.

FONSECA, P.C.L. *Vozes da misoginia medieval: Aristóteles disseminado em Santo Isidoro de Sevilha, Santo Anselmo e São Tomás de Aquino*. *Notandum* (USP), v. 21, p. 23-30, 2009.

GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Trad. Marcos Flamínio Peres. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2006.

MILLARDET, Georges. *Roman de Flamenca*. França: Boivin et Cie, 1934.

OVÍDIO. *A arte de amar. Os remédios para o amor e Os produtos de beleza para o rosto da mulher*. Trd., Dúnia Marinho da Silva. L&PM pocket, 2001

PILOUSU, Mario. *A Mulher, a Luxúria e a Igreja na Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1995.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Trad. Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.

ROSSIAUD, Jacques. *A Prostituição na Idade Média*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROUSSELLE, Aline. *Porneia: sexualidade e amor no mundo antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.